



FRONTEIRAS DA ESCRavidÃO

ESCRAVATURA,
COMÉRCIO E IDENTIDADE
EM BENGUELA

1780-1850





**FRONTEIRAS DA ESCRAVIDÃO
ESCRAVATURA, COMÉRCIO E IDENTIDADE EM BENGUELA
1780-1850**

AUTORA

Mariana Pinho Candido

COORDENAÇÃO EDITORIAL

José Carlos Morgado

EDITOR

Paulo Cardo

TRADUÇÃO DO ESPANHOL

Esbelta Alice L. dos Santos

REVISÃO DA TRADUÇÃO

Miguel António de Azevedo - Capítulos I e II

Fernando Brandão - O Livro Completo

REVISÃO LITERÁRIA

Paulo Cardo

DESIGN E PAGINAÇÃO

Carlos Gonçalves

FOTOGRAFIA DA CAPA

PT-AHU-ICONU-001-00d-00291, "Negri di Cancobella."

Imagem cedida pelo Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa.

1.ª EDIÇÃO

Junho 2018 - UKB/Ondjiri Editores

DEP. LEGAL

409347/16

ISBN

978-989-99611-0-4

DIREITOS PARA A LINGUA PORTUGUESA

UNIVERSIDADE DE KATYAVALA BWILA, Benguela, Angola

D.R. © 2015 El Colegio de México

Edição original: Fronteras de esclavización: esclavitud, comercio e
identidad en Benguela, 1780-1850/Mariana Pinho Candido/1a. ed., México,

D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios de Asia y África, 2011

Reservados todos os direitos.

Esta edição não pode ser reproduzida nem transmitida por fotocópia, captação de imagem ou outro processo, no todo ou em parte, sem prévia autorização escrita da editora. Qualquer ato é ilícito e passível de procedimento judicial contra o infrator.

© EDIÇÕES UKB

Reitoria da Universidade Katyavala Bwila
Rua de José Falcão, 67 - Caixa Postal 1725
Benguela - Angola

© ONDJIRI EDITORES

Rua Serpa Pinto, 21 - 3.º Andar 305
Benguela - Angola
geral@ondjiri.com
www.ondjiri.com

**© DISTRIBUIÇÃO INTERNACIONAL
DE FACTO EDITORES**

Rua de S. Bento, 93 - 6.º andar, sala 3
4780-546 Santo Tirso - Portugal
geral@defactoeditores.pt
www.defactoeditores.pt

ÍNDICE

Prefácio	7
Agradecimentos	11
Agradecimentos (edição em espanhol)	15
Nota da tradutora	19
Introdução	21
Nota sobre grafia	31
1	
Benguela e o comércio transatlântico	33
O comércio de escravos desde Benguela	36
Mercadorias importadas	45
Conclusões	50
2	
O panorama social e o comércio de escravos	51
Os mercadores de escravos de Benguela	54
As donas: mercadoras de escravos	65
Crédito	69
Organização de caravanas	74
Conclusões	81
3	
História da população de Benguela	83
Os censos	84
Categorias sociais	98
Actividades económicas dos residentes	107
Benguela como uma sociedade crioula do atlântico	114

4		
Os efeitos do comércio atlântico no interior de Benguela: Caconda e a sua população	123
Os mapas populacionais	126
Categorias sociais	136
Actividades económicas	148
Conclusões	153
5		
Processos de escravização no litoral e no interior	163
A fronteira escravagista	164
Métodos considerados como legítimos para a captura e escravização	171
Estratégias consideradas como ilegais no processo de escravização	187
O papel das autoridades Portuguesas no processo de escravização	200
Conclusões	212
6		
A vida dos escravos em Benguela e no seu interior	215
População escrava em Benguela e Caconda	216
Ocupações dos escravos	224
Resistência dos escravos	233
Conclusões	239
Conclusão	243
Bibliografia	255
Fontes primárias não publicadas	255
Fontes primárias publicadas	258
Fontes secundárias não publicadas	281



Prefácio

A questão do tráfico de escravos em África está rodeada de muitas incertezas, lacunas e imprecisões que representam um grande desafio aos historiadores que têm a missão de desvendar os factos relacionados com esse fenómeno. Sabemos que muito sobre este tema não foi escrito ou registado e que estão ainda por investigar e esclarecer muitos dos seus aspectos.

A comunidade académica e científica de todo o mundo, principalmente a africana, tem o direito e a obrigação de desvendar todos os mistérios e escamoteamentos ou omissões que envolvem este assunto. O interesse científico em estudar o tráfico de escravos deve ocorrer não no sentido de exaltar mágoas, culpas ou justificações do estado actual do nosso desenvolvimento, enquanto africanos, mas para trazer à tona os factos, os papéis, os contextos e circunstâncias da verdadeira tragédia que representou o comércio Transatlântico de seres humanos, a partir da costa africana.

Benguela fez parte desse processo e participou, contribuiu, facilitou, viveu e criou-se na esteira desse comércio de seres humanos. Apesar de Benguela fazer parte do percurso da chamada “Rota dos Escravos”, o seu contributo nesse comércio tem sido menos tratado e documentado que em outros lugares da costa atlântica.

Desse modo, como Reitor da Universidade Katyavala Bwila (UKB), com sede em Benguela, não pude conter o meu entusiasmo ao ter contacto com a obra da Professora Doutora Mariana Candido, escrita originalmente em inglês e depois traduzida para espanhol sob o título *FRONTERAS DE ESCLAVIZACIÓN: ESCLAVITUD, COMERCIO E IDENTIDADE EN BENGUELA, 1780-1850*, propondo que o mesmo fosse traduzido para a língua portuguesa por académicos desta Universidade. Da mesma forma, em jeito de agradecimento à autora por nos ter concedido esta oportunidade, ousei redigir este prefácio sobre um tema e assunto que suscita sempre os mais controversos sentimentos e posturas, embora não seja historiador.

A tradução da obra, sob o nome em língua portuguesa *FRONTEIRAS DA ESCRAVIDÃO: ESCRAVATURA, COMÉRCIO E IDENTIDADE EM BEN-*

GUELA, 1780-1850 foi feita pela Professora Esbelta Lopes dos Santos, docente de História de África e assessora da Reitoria da UKB.

Composta por seis capítulos, a obra trata e documenta uma época específica do tráfico em Benguela, no lapso de tempo que vai desde 1780 até à abolição do comércio de escravos. A abolição desse comércio teve uma data formal, totalmente ignorada pelos traficantes, e outra real, desrespeitada por muito tempo por intermédio do tráfico clandestino.

A autora começa por abordar a importância de Benguela como porto exportador de escravos para as Américas, especialmente para o Brasil, descreve o panorama social da povoação e das suas características peculiares, de terra insalubre, também considerada “o cemitério dos brancos”, refere a chamada “crioulização” da sua população, da participação dos vários actores no cenário do tráfico e das consequências do tráfico na região até mais para o interior do planalto central, com destaque para o povoado de Caconda e seus arredores.

Um dos aspectos centrais da obra é a abordagem da sobreposição e difusão das chamadas fronteiras da escravidão. Trata-se de um conceito que não tem uma “definição espacial”, do ponto de vista geográfico, mas uma “noção diluída”, que se refere aos métodos, artimanhas e ilegalidades cometidas no processo de “arrebanhamento” de seres humanos para os reduzir à escravatura, fosse por meio de razias ou de guerras praticadas tanto pelas autoridades portuguesas como pelas africanas. Além dos homens de origem nativa, eram reduzidos à escravatura muitas mulheres e crianças.

A autora conclui reportando a vivência dos escravos que não eram exportados para as Américas, mas que mantinham a sua condição no povoado e arredores, dependentes das casas ricas, lusas e luso-africanas da região. Há um elemento interessante a ressaltar das páginas desta obra, que não quero deixar de referir: o comércio ambulante de ruas *quitanda* (hoje mais conhecido por *zunga*) feito por mulheres. Já na época da escravatura, também era praticado por mulheres e representava uma preocupação para as autoridades constituídas de então. Nessa altura, as quitandeiras eram afastadas dos lugares públicos do povoado e obrigadas a fazer o “negócio” em pontos que achavam mais rendáveis onde resistiam, ocupando lugares menos acessíveis (as praças) e com menos salubridade. Outra particularidade descrita é a de mulheres africanas jovens, tornadas viúvas, que comandavam negócios em quintais herdados dos seus maridos de origem europeia, falecidos por ataques febris.

A obra, escrita com elevado rigor científico, é de leitura fácil, esclarecedora e fornece muitos dados que podem estimular a curiosidade dos nossos estudantes, investigadores e de todos os interessados nos factos históricos relacionados com o tráfico de escravos na região e na construção social da povoação de Benguela e seus arredores.

As interrogações e curiosidades que *FRONTEIRAS DA ESCRAVIDÃO: ESCRAVATURA, COMÉRCIO E IDENTIDADE EM BENGUELA, 1780-1850* podem suscitar entre os leitores e a comunidade académica e científica oferecem uma grande oportunidade para novas pesquisas sobre a região de Benguela e podem dar maiores subsídios à compreensão das suas características, numa perspectiva histórica e sociológica.

É uma forma de percorrermos parte do nosso passado que é, seguramente, muito esclarecedor para compreender muitas particularidades da conduta, do comportamento das pessoas, dos usos e dos costumes desta região.

Reitero os meus agradecimentos à autora e recomendo a todos uma boa leitura.

O Reitor da UKB
Albano VL Ferreira, MD, PhD





Agradecimentos

Graças ao interesse e à persistência do Reitor da Universidade de Katyavala Bwila, Professor Albano Ferreira, esse estudo está, finalmente, disponível em português. Esbelta Alice dos Santos fez um belíssimo trabalho de tradução, que permite que um número maior de leitores tenha acesso aos resultados da minha pesquisa. Sem o toque mágico da Professora Aurora Ferreira a publicação deste livro não seria possível. Em meados de Julho de 2011, em Luanda, uma conversa com a Professora Aurora Ferreira despertou o interesse pela tradução e publicação deste livro em Angola. Como historiadora especializada na história de Benguela e do seu interior é uma grande honra ver esta obra, originalmente publicada em inglês e depois em espanhol, finalmente publicada em português pela Universidade de Katyavala Bwila em parceria com a Ondjiri editores. Esta é uma história dos efeitos demográficos, sociais e políticos do comércio transatlântico de escravos sobre a população de Benguela e do seu interior, entre 1780 e 1850. Poucos são os estudos que se dedicam exclusivamente a Benguela e que tratam de entender os acontecimentos nessa região de Angola como autónomos, ainda que o chamado reino de Benguela estivesse sob jurisdição administrativa do reino de Angola. Com esse estudo espero despertar o interesse de outros pesquisadores para o assunto e destacar a riqueza da documentação histórica disponível nos arquivos em Angola, Portugal e Brasil.

Desde o porto de Benguela mais de 700 mil africanos foram enviados para as Américas, em particular para os portos do Rio de Janeiro e Salvador no Brasil. Até agora são poucos os estudos em português sobre a consequência dessa grande tragédia humana para as sociedades do interior de Benguela. Como as chefaturas e os Estados puderam sobreviver às pressões do comércio Atlântico? Que tipo de mudanças a participação no comércio de escravos provocou? Como os habitantes do planalto e do litoral foram capturados, escravizados e vendidos como mercadoria humana? Essas são algumas das questões que esse estudo procura responder. Além da perda demográfica, as sociedades do litoral, como os Mundombes, assim como as do interior, como, por exemplo, os Bienes, passaram por momentos de resistência e adaptação durante os mais de

duzentos anos de existência do comércio transatlântico de escravos. O comércio Atlântico provocou mudanças económicas, sociais e políticas a todos que, directa ou indirectamente, participaram no comércio de almas. O que fica evidente nesse estudo é que nenhum grupo ficou imune a essas transformações.

Esse estudo narra a longa história de contactos e trocas entre africanos centro-ocidentais, portugueses e aqueles que posteriormente vieram a ser conhecidos como brasileiros. As trocas não se deram em pé de igualdade e os agentes locais e os estrangeiros disputavam o controlo pelo território, mercados e dependentes. Não é uma história de triunfo ou grandezas, e sim sobre os efeitos nocivos do tráfico de escravos. Considerado hoje um crime contra a humanidade, o comércio de escravos era uma actividade legal no império português até 1836, com uma rica legislação e registos históricos, que oferece ao historiador vasta fonte primária para pesquisas históricas. Porém, esse estudo não é sobre o comércio Atlântico em si, mas em como a natureza da escravidão, do comércio e da identidade dos habitantes de Benguela e do interior foi alterada durante o período de apogeu da exportação de escravos, 1780-1850. É também um estudo de como os habitantes dessa região, luso-africanos, sobas, pombeiros e escravos se integraram no mundo Atlântico. Muitas vezes essa integração foi violenta, baseada na coerção, outras vezes foi mais subtil, oferecendo novas oportunidades económicas. O facto é que os africanos centro-ocidentais foram agentes vitais nesse processo histórico, algumas vezes como indivíduos escravizados, outras como comerciantes, na maioria das vezes como intermediários culturais.

Dá-me imensa alegria ver a publicação desse livro em Angola pela universidade Katyavala Bwila de Benguela. Essa é uma história que os benguelenses não deveriam esquecer. A participação no comércio Atlântico trouxe riqueza a alguns indivíduos e líderes políticos do passado e resultou numa diáspora dos centro-africanos nas Américas. Seres humanos foram trocados por missangas, tecidos, armas de fogo e bebidas alcoólicas, sem nenhum contributo de longo efeito às populações da África central. Não foi uma troca igual e estabeleceu os padrões de trocas desiguais entre as populações localizadas no continente africano e aquelas residentes na Europa e nas Américas. O comércio de escravos foi abolido em 1836, ainda que o contrabando tenha continuado até a década de 1860, porém as consequências desse comércio persistem no século XXI. Espero

que esse estudo desperte mais interesse dos angolanos pelo período anterior ao século XX e crie novos espaços de trocas e intercâmbios intelectuais.

Agradeço ao Colegio de México a autorização para publicar esse livro em português e a ajuda eficaz de Gilberto Conde, director da revista do Centro de Estudios de Asia y Africa. E agradeço também a Ismahêlson Andrade pela leitura atenta e o apoio para terminar a revisão desse livro.

Dedico esse livro a meus pais, Roberto e Roseli, que sempre me apoiaram. E à memória dos meus avós, José Candido, Odila, Alberto e Nilza, que não chegaram a ver o meu trabalho publicado em português, mas que influenciaram o meu fascínio pela história de Angola e os laços que nos unem.

A edição desse livro em português também é dedicada a todos aqueles que foram violentamente arrancados de suas famílias e comunidades e vendidos como escravos no porto de Benguela ou que permaneceram na região escravizados. Ainda que muitos desses nomes e histórias não tenham sido registados, cabe a nós lembrar a violência de que foram vítimas e a riqueza que seus trabalhos produziram.

Mariana Pinho Candido
South Bend, IN, 24 de Março de 2016





Agradecimentos (edição em espanhol)

Este livro é o resultado da minha investigação de doutoramento na Universidade de York, em Toronto, Canadá, sob a supervisão de Paul E. Lovejoy. O seu conhecimento sobre a história africana e sobre a escravidão contribuiu de inúmeras formas para este estudo, de tal modo que o meu reconhecimento jamais será suficiente, por isso lhe tenho a maior dívida intelectual. A contribuição de José C. Curto também foi crucial para esta investigação, pois sugeriu fontes e ofereceu o seu próprio material de investigação. Agradeço o seu apoio e a sua orientação. Ao professor Joseph C. Miller agradeço os comentários e recomendações em diversas ocasiões e a gentileza de ter participado da minha defesa de doutorado.

Também estou em dívida com a professora Celma Agüero. Talvez ela não imagine o quanto me ajudou ao despertar a atenção para o tema da escravidão e o tráfico de escravos em Angola quando supervisionou a realização da minha dissertação de mestrado no El Colegio de México. Celma foi também responsável pela publicação deste livro em espanhol, insistindo na importância da sua tradução para o público latino-americano. Agradecimentos também a Carlos Mondragón, coordenador de publicações do Centro de Estudos de Ásia e África, pelo apoio à sua publicação. O CEAA, onde iniciei os estudos como africanista, é a minha “*alma mater*”. Maria Magdalena Bobadilla, à minha querida Mãe, tornou a comunicação entre o México, Estados Unidos e Brasil mais fácil e divertida.

Mariza de Carvalho Soares e Renée Soulodre-la France muito contribuíram ao longo deste processo com os seus amáveis conselhos e a leitura de partes do manuscrito. A Rina Cáceres pelo apoio durante tantos anos.

A minha enorme gratidão a todas as pessoas que me ajudaram nos arquivos e biblioteca consultados. Em especial agradeço a Domingos Mateus Neto e a Fernando Miguel Gonçalo, do Arquivo Nacional de Angola, em Luanda. Tenho uma grande dívida com Rosa Cruz e Silva, então directora do arquivo. A professora Rosa Cruz e Silva tornou possível a minha primeira visita a Benguela em 2002 e, graças ao seu apoio, a investigação em Angola tornou-se mais

fácil e agradável. Elisa António Silva, Professoras Maria Conceição “São” Neto e Aurora Ferreira guiaram-me pelo Arquivo Nacional e por Luanda. Aos muitos amigos e colegas de ambos os lados do Atlântico, que tornaram este trabalho uma realidade, a minha gratidão. Não poderia deixar de agradecer a Roquinaldo Ferreira, Julie Thompson e Herminia Barboza pelo apoio, companhia, risos e sugestões. Os queridos amigos, Marina Torre e Cristóbal Delgado, também ofereceram apoio moral dentro e fora de Angola.

Em Portugal, Jelmer Vos e Roquinaldo Ferreira generosamente dividiram o conhecimento sobre os arquivos portugueses e proporcionaram observações preciosas. Ana Paula Madeira abriu as portas da sua casa durante seis meses, quando precisei retornar a Lisboa para mais um período de pesquisa. Além de Jelmer e Roquinaldo, também desfrutei da amizade de António Wilson Silva de Souza, de Josemar Henriques de Melo e de Rafael Chambouleyron. No Arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa, Mário Pires Miguel, Fernando José de Almeida, Octávio Félix Afonso e o “Seu” Mário sempre ofereceram ajuda e soluções para as minhas dificuldades com a documentação. Jorge Fernando Nascimento, sempre bem-humorado, microfilmou e digitalizou parte da documentação consultada.

Os amigos em Toronto conseguiram que a estadia no Canadá fosse particularmente agradável. Os colegas no Harriet Tubman Research Centre ofereceram calor humano para sobreviver o inverno canadense. Em especial agradeço a Bashir Salau, Feisal Farah e a Carlos Liberato pela ajuda nos momentos cruciais. Agradeço também a Jennifer Lofkrantz a Thorald Burnham, a Nadine Hunt, a Alia Paroo e a Olatunji Ojo por terem lido vários capítulos. A prestativa Stacey Sommerdyk leu os capítulos e me ajudou na edição da dissertação em inglês.

Um especial agradecimento à minha família que sempre esteve comigo, mesmo a distância, e apoiou a minha decisão de fazer o mestrado no México e o doutorado no Canadá. E sempre me recebeu de braços abertos quando precisei fazer investigação no Rio de Janeiro. Muitos amigos seguiram todo este trabalho, entre eles, Alessandra Carvalho, Adriana Trindade, Gabriela Medina e Valesca Cerski . Também não posso deixar de reconhecer que esse trabalho não seria o mesmo sem os comentários úteis e apoio constante de Yacine Daddi Addoun, meu companheiro inseparável.

AGRADECIMENTOS

Por último, agradecimentos pelo apoio financeiro oferecido por diversas instituições, sem o qual os estudos e esta investigação teriam sido impossíveis. A minha primeira viagem a Portugal foi possível graças à ajuda dos professores David Richardson, David Eltis e Paul Lovejoy. Viagens a Angola, Brasil e Portugal foram também financiadas pelo (extinto) Nigerian Hinterland Project, o Harriet Tubman Resource Centre, ambos da York University, a Fundação Calouste Gulbenkian e o Departamento de Historia da York University.

Agradecimentos sinceros a todos os que me apoiaram nesse projecto.

